

# **VIDEOPERFORMANCE FALAGENS: A AUTOETNOGRAFIA COMO PROPULSORA DE FLUXOS CRIADORES**

Sadiana-Luz Martins Frota (Universidade Federal de Santa Maria -UFSM)<sup>1</sup>  
Gisela Reis Biancalana (Universidade Federal de Santa Maria -UFSM)<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O presente trabalho trata de uma pesquisa que relata o processo criador da videoperformance intitulada *Falanges*. O trabalho foi constituído em 2019 e apresentado em uma exposição *on-line* no ano de 2020. A proposta articulava um questionamento sobre o espaço e tornou-se propulsora de uma pesquisa de doutorado em andamento. No momento, o objetivo investigativo visa a criação de uma série de performances que estabelecem perspectivas pós colonialistas e os deslocamentos espaciais afetados pelo choque de trânsitos culturais diversos. O procedimento metodológico adotado está amparado pela pesquisa autoetnográfica, ancorada nas autoras Fortin (2009) e Versiani (2002).

## **PALAVRAS-CHAVE**

Performance; autoetnografia; espaço; cultura; pós colonialismo.

## **ABSTRACT**

The work deals with a research that reports the creative process of the video performance entitled *Falanges*. It was created in 2019 and presented in an online exhibition in 2020. The proposal articulated a question about space and became the driving force behind an ongoing doctoral research. At this moment, the investigative objective aims to create a series of performances that establish postcolonial perspectives and the spatial displacements affected by the clash of diverse cultural transits. The methodological procedure adopted is supported by autoethnographic research, based on the authors Fortin (2009) and Versiani (2002).

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART/UFSM). Graduanda do Curso de Dança Bacharelado (UFSM). Bacharela em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Franciscana (UFN, 2009) e Mestra em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2013). Integrante do grupo de pesquisas Performance: arte e cultura, vinculado ao CNPQ.

<sup>2</sup> Professora Associada na UFSM, Artes Cênicas (1995-2014) e professora no Curso de Dança (2014-). Membro permanente no PPGART com pesquisas transversais em performance. Pesquisadora em Artes Performativas de cunho sociocultural e político. Mestre (2001) e Doutora (2010) em Artes/UNICAMP. Pós-doutorado na De Montfort University, UK. É líder do grupo Performances: arte e cultura/CNPQ e coordena o LAPARC.

## KEYWORDS

Performance; autoethnography; space; culture; postcolonial.

O percurso poético investigativo presente neste artigo busca discorrer sobre o procedimento metodológico autoetnográfico como parte do processo que ampara a pesquisa e criação de Performances Arte. Sob um olhar do corpo e espaço busca-se reflexionar deslocamentos espaciais vividos. Nestes deslocamentos interligam-se contextos históricos, sociais e culturais grifados por migrações internas no Brasil. Imbuída das memórias de experiências, as criações anseiam materializar relações do corpo com o espaço e com o(s) outro(s), que presencial, física ou virtualmente, assumem formas e estados peculiares a cada lugar instituído culturalmente, absorvendo e transmitindo efeitos em trocas no tempo de convivência.

Para tal, a autora-pesquisadora-performer recorre a escrita de diários autoetnográficos baseados nas experiências próprias de deslocamentos espaciais pelo país para desenvolver sua poética criadora. Sendo assim, é por meio destas experiências de deslocamentos vividas pela proponente que se potencializa a pesquisa com criação em laboratório pautada pelo movimento improvisado, mas carregado dessas vivências ditas. A criação da videoperformance *Falanges* aqui discutida, partiu de perguntas e frases elaboradas fazendo emergir ações instantâneas oriundas da observância interior dos efeitos do espaço sociocultural. Consideramos que a prática artística experimental foi hábil em trazer uma narrativa negada debatendo as ligações e os sentidos do dedilhar em fluxo no qual o corpo levanta as exigências do passado pela memória e enfrenta as negociações do presente simultaneamente. A performer como agenciadora poética buscou ecoar sua narrativa performativa a partir do desvelamento de si. O intento performativo propõe, ainda, expandir o espaço reduzido pelo isolamento social causado pelo Covid19 por meio da produção artística em videoperformance contribuindo como ação de resistência a favor das diferenças.

Ao mesmo tempo, ao engendrar o pensamento e produção em arte contemporânea a partir dos deslocamentos experimentados no território Brasil, moveram-se questões pós colonialistas que historicamente ganham vozes cada vez maiores. Investimentos em estudos e discussões crescem nesse sentido nas artes, muitas vezes fazendo-se necessário o aporte teórico em fontes da história, filosofia,

antropologia e ciências sociais. Sendo assim, o objetivo investigativo estabelece, ademais, tais perspectivas pós colonialistas afetadas pelo choque de trânsitos culturais diversos nos deslocamentos espaciais.

Os estudos iniciaram no grupo de pesquisas vinculado à Programa de Pós-Graduação de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) no sul do Brasil. As discussões levantadas nesse espaço de pesquisa possibilitaram vislumbrarmos que os deslocamentos geográficos vividos no Brasil haviam instaurado experiências, por vezes ainda não nomeadas, que podem operar performatividades na performer-pesquisadora e primeira autora. O universo sociocultural escolhido, como foco de pesquisa, assumiu a especificidade pós colonial brasileira. Desse modo estruturou-se a pesquisa em andamento no doutorado.

Vale reforçar que o recorte da pesquisa para presente discussão recaiu sobre o diálogo travado com a antropologia e a pertinência de procedimento autoetnográfico para a investigação em curso. Portanto, o texto inicia com uma breve abordagem da perspectiva decolonial que atravessa o percurso investigativo. Autores como Gonzalez (1988) e Alcântara (2018) ajudam a sustentar o debate. Em seguida, mergulhamos na pertinência da discussão sobre a autoetnografia como procedimento metodológico adotado. Recorremos a Fortin (2009) e Versiani (2002) para referendar a escolha por dialogar com este procedimento metodológico em questão. A reflexão sobre esta escolha se assentou na produção da videoperformance *Falanges* como trabalho detonador do processo investigativo em andamento no doutorado.

No que se refere às questões coloniais, Lélia Gonzalez (1988), filósofa, antropóloga, professora e militante do movimento negro e feminista no Brasil, é precursora também na discussão interseccional. Seus escritos ajudam e convocam no pensamento formador brasileiro, não no que lhe possa conferir um olhar estrangeiro, mas sim no olhar crítico de uma brasileira que formula as problemáticas de sua própria nação. Em seu texto *A categoria político-cultural de amefricanidade* ela configura nas questões coloniais europeias a formação histórico-cultural brasileira cuja ordem geográfica e formações do inconsciente denegam as problemáticas raciais. Ao elucidar tais questões raciais, Gonzalez desamarra a ideia de um Brasil branco que oculta sua constituição negra e indígena.

Alcântara (2018), por sua vez, aborda o decolonial a partir do contexto das artes. A autora considera que, para além de superar a colonialidade, promover uma pesquisa em artes de caráter decolonial permite “reconhecimento e reconfiguração geopolítica de

outros saberes outros conhecimentos e outras práticas, distanciando-se daquelas tomadas há muito tempo como verdadeiras” (ALCÂNTARA, 2018, n.p). Sendo assim, se é possível aproximar uma pesquisa em arte de perspectivas étnicas, percebe-se que a presença dos pensamentos pós coloniais ou decoloniais requisitam a coexistência das multiplicidades.

Ambas as autoras ajudam a pensar nos processos coloniais como fundantes de diferenças, muitas vezes, opressoras. Na medida em que a pesquisa destaca o discurso corporal de uma artista e sua origem brasileira, se torna também uma enunciação que trata das questões apontadas por elas. A pesquisadora e primeira autora, nascida em Brasília/DF, cresceu e se constituiu em São Luís/MA até os 14 anos de idade e, agora, reside em Santa Maria/RS. A partir da observância desse deslocamento percebemos o(s) discurso(s) do corpo que viveu e vive a continuidade histórica colonizadora do mestiço no Brasil. Perceber essa história forjada no corpo propicia à pesquisa em artes o descortinamento de narrativas abrindo caminhos de existência(s).

Desse modo, o objetivo no grupo de pesquisas ao investigar formas de composição poética e atuação performativa emergindo do conhecimento do-no-pelo o corpo sociocultural e político acontecem, inicialmente, pela via da pesquisa de campo, etnografia e/ou autoetnografia, em locais escolhidos pela proximidade afetiva, temática e/ou outras. Algumas vezes, outras perspectivas metodológicas cruzam os trânsitos iniciais. Em seguida, as experiências vividas encaminham-se para os processos laboratoriais em ateliês de criação que sistematizam práticas poéticas em seus anseios peculiares de composição. O diálogo entre arte e antropologia, especialmente a adoção da pesquisa de campo, da etnografia e da autoetnografia como procedimentos metodológicos, são aliadas do referencial teórico em estudo nas pesquisas desenvolvidas pelo laboratório.

A metodologia autoetnográfica é aplicada nesta pesquisa de criação em poéticas performativas, em diálogo com procedimentos advindos de outras áreas do conhecimento humano, como, anteriormente mencionada, a antropologia. De caráter interdisciplinar, o procedimento metodológico previsto e ancorado, especialmente, nas autoras Fortin (2009) e Versiani (2002), está de acordo com o viés a ser assumido pela pesquisadora em seus projetos individuais. Por um lado, o caráter pós colonial ou decolonial foi levantado por sustentar questões insurgentes vividas durante os deslocamentos espaciais. Paralelamente, a autoetnografia confere-se como opção metodológica coerente uma vez que considera a vivência e a dimensão cultural da

prática artística reflexiva destacando seu viés político transgressor e crítico de posturas socioculturais dominantes.

Fortin (2009) evidencia justamente a postura epistemológica que infere a pesquisa autoetnográfica uma vez que permite ao artista-pesquisador percorrer suas experiências de vida anunciando dimensões culturais que instalam exposições narrativas individuais. A autora conduz uma explicação sobre problemáticas de pesquisas etnográficas e o aumento de pesquisas autoetnográficas. A partir de Ellis e Bochner (2000), Fortin (2009), levanta a crise da representação em uma crítica ao pesquisador como autoridade. A adesão de outra perspectiva na pesquisa se difere, quando, a “estrita contemplação da experiência individual favorece a manutenção do status quo”. (FORTIN, 2009, p.83)

Ao testemunhar os próprios processos poéticos, a autoetnografia não propõe descrever tão somente uma história pessoal. A alteridade desenvolvida pelo pesquisador, por meio da coleta de dados, busca “uma reflexão mais vasta que poderá contribuir com os conhecimentos gerais sobre a auto poética” (FORTIN, 2009, p.83). Além disso,

a auto-etnografia, nós vimos, se liga bem à perspectiva pós-colonialista que rejeita as meta-narrações, os meta-temas, independentemente das condições de possibilidade de assumir a palavra. Os dados auto-etnográficos, definidos como as expressões da experiência pessoal, aspiram a ultrapassar a aventura propriamente individual do sujeito. (FORTIN, 2009, p. 84)

Versiani (2002), no mesmo sentido, diz que perceber a complexidade dos sujeitos inseridos em contextos multiculturais suscita questionar também a crença da representação de subjetividades. Assim, os discursos autobiográficos ganham atenção quando atribuídos a valor político e associam-se a grupos minoritários. Portanto, ao perpassar as reflexões teóricas sobre a construção da autobiografia e etnografia, Versiani (2002) conduz a autoetnografia como alternativa.

A autoetnografia pode refletir a inserção social, histórica e cultural do pesquisador. Ao implicar questões anteriores e exteriores, como diz Versiani (2002), as escolhas teórico-políticas que envolvem a produção cultural ajudam na construção de uma episteme multicultural. Desse modo, uma pesquisa com esta condição não levanta apenas o(s) momento(s) da diferença e sim toda fluidez possível do sujeito

contemporâneo. Ela vai, portanto, libertando-se das dicotomias e aproximando-se de abordagens mais complexas das subjetividades.

Ao desenvolver uma corporeidade performativa observamos a dificuldade no alcance deste objetivo já que mesmo sendo significativa, é imensurável. O aprimoramento do trabalho corporal em estado de composição e criação exige do artista um cuidado consigo mesmo enquanto ser arte, destacadamente quando este artista toca questões da experiência pessoal que revolvem sua dimensão sensível. O trabalho artístico que se instaura no corpo a partir da experiência se junta com as práticas corporais e vão constituindo o percurso do trabalho poético. Ele agrupa a experiência de vida, os afetos que transbordam ao revolver a dimensão sensível e o conhecimento específico no campo da performatividade na arte. Aqui, a performance arte, assim como sugere Melim (2008), acontece na “noção de espaço de performance, traduzido como aquele que insere o espectador na obra-proposição, possibilitando a criação de uma estrutura relacional ou comunicacional” (MELIM, 2008, p. 09).

Quando a pesquisa passou a levantar seus dados, a videoperformance *Falagens* tinha sido a última produção realizada antes do início da pandemia COVID19. Na sua observância, a obra convidou a tecitura da oralidade e escritura da anunciação, tornando-se um estudo de descobertas. Foi a partir desta prática artística que as aproximações com o grupo de pesquisas e também com as atuais escolhas teóricas encaminham entendimentos e novas investigações, conformando o artigo e a pesquisa de doutoramento em curso.

Ao percebermos no corpo presente da performer as negociações e as exigências do passado pela memória, como agente, buscamos ecoar sua narrativa considerando que a videoperformance *Falanges*, ancorada nas relações entre corpo e espaços culturais, pode compreender-se como uma ação de resistência das diferenças. Sua ação compartilhada na web buscou trazer à tona memórias dos efeitos de deslocamentos pelas perspectivas decoloniais. Consideramos, ainda, seu atravessamento, principalmente pela perspectiva do momento histórico atual da pandemia COVID19.

Criada em co-autoria com um aluno do curso de dança bacharelado de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), a performance moveu-se a partir das falas gatilho. Palavras como dedilhar, lubrificar, exaustão e ápice iam desvelando os gestos, a começar pelas falanges, até eclodirem em frenesi. Este também sugeriu a música que compõe a trilha sonora. A escuta da performer criadora promoveu o improviso realizado e capturado em vídeo, pois o movimento aconteceu sem ouvi-la no

ato de gravação da videoperformance. O improviso, pautado em laboratório de criação, por sua vez, deu-se por ações instantâneas resultantes da observância interior dos efeitos do espaço cultural.



**Figura 1.** *Frame da videoperformance Falagens, 2020.*  
Fonte: YouTube

A prática artística experimental problematizou as ligações e os sentidos do dedilhar em fluxo, desvelando uma narrativa negada por meio do corpo isolado que reage ao vazio. O corpo atravessou o tempo e as suas fronteiras socioculturais experimentando as sensações e fissuras circunstanciais. Este reverbera-se no espaço carregado de sentidos culturais. Experimentá-los pela via do movimento levava a sensação de fluxos e ao sentimento da perda de sentido de si mesma. O processo improvisacional reverberou o sujeito descentrado evocando suas memórias de tempos e lugares vividos. Nas expressões corporais o improviso tensiona e fricciona questões que atravessam as inquietações culturais, potencializadoras de perspectivas pós colonialistas. O corpo como diferença experimenta o espaço cultural permeando a criação e a escrita.



**Figura 2.** *Frame da videoperformance Falagens, 2020.*  
Fonte: YouTube.

A performance arte é uma linguagem que ancora poéticas e aspectos simbólicos e materiais no corpo enquanto construção sociocultural. Nesta pesquisa, a autoetnografia tem sido uma metodologia que responde apropriadamente aos anseios poéticos levantados. Como ver essas construções socioculturais nas experiências de deslocamentos? É possível lançar-se perguntas. Quais corpos não dependeram de família, relações de amizade, escola e um sistema de saúde, produção de alimentos para serem corpos vivos? Quais corpos nasceram porque o aborto é proibido? Quais corpos são seguidos no supermercado pelo segurança? Podemos responder estas e mais perguntas desse viés afirmando que o corpo é social, cultural e político. Sendo assim, a performance e as propostas elaboradas expandem a discussão sobre quais seriam os “elementos performativos presentes na ordem construtiva de muitos trabalhos” (MELIM, 2008, p. 9).

Fortin e Gosselin (2014) dizem que “a escrita é um lugar de incorporação de conhecimento sensível” e que “por meio de um processo criativo, o que está em jogo é a transformação dos próprios artistas” (FORTIN; GOSELIN, 2014, p.13-14). Sendo assim, é por meio destas experiências que a criação se potencializa. No caso do presente estudo, a investigação poética pelo deslocamento move histórias com suas emergências políticas e sociais. A materialidade do discurso corporal, por sua vez, traça imagéticas



que produzem uma caminhada de retorno da própria performer. Ao permitirmos que a prática também tome a forma de escrita absorvemos o pensamento reflexivo considerando, inclusive, a possibilidade de contribuir na ação de resistência das diferenças. Também o reconhecimento das questões socioculturais que emergem desta prática, são embate das diferenças e permitem atravessar tempos-espacos dominantes. Como prática artística em performance arte, a ação corporal instaura nesse texto, camadas em desvelamento ao criar-escrever, escrever-criar.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Celina Nunes de. O Decolonial na pesquisa em artes no Brasil. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, 2018. Disponível em: <<https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/10/23/o-decolonial-na-pesquisa-em-artes-no-brasil/>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 7, p. 77-88, 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961/7154>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FORTIN, S.; GOSSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. **ARJ – Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Artes**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 4 maio 2014.

FROTA, Sadiana-Luz Martins. **Falagens**, 2021. Direção de Joan Felipe Michel. Videoperformance. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=96tJmkl6LQY>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

MELIM, Regina. **Performance nas Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografia: uma alternativa conceitual**. Porto Alegre: Letras, 2002.